



# PANORAMA DO CASTELHANO BOLIVIANO NA FRONTEIRA BOLÍVIA- BRASIL

---

## OVERVIEW OF BOLIVIAN CASTILIAN ON THE BOLIVIA- BRAZIL BORDER

Suzana Vinicia Mancilla Barreda<sup>1</sup>

*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul*

Katiusca Eliana Garcia Marquez<sup>2</sup>

*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é desenvolver pesquisa bibliográfica sobre o castelhano boliviano, contrastando as variedades *colla* e *camba* presentes na fronteira Puerto Quijarro (Bolívia) e Corumbá (Brasil). Trata-se de um estudo linguístico que se inicia com uma breve história das variedades do castelhano boliviano, nos aspectos fonético e morfológico, as mesmas que estão invisibilizadas no âmbito educativo fronteiriço mencionado, embora estejam presentes no falar dos alunos de origem boliviana que frequentam as escolas brasileiras. Callisaya Apaza (2012), Coello Vila (1996) e Mendoza Quiroga (2015) balizam os estudos sobre o castelhano boliviano. Franco e Gottret (2022), Sanabria Fernández (2008) e Roca (2007) contribuem com os estudos sobre o castelhano *camba*. Esse último encontra-se materializado no ramo publicitário e nas redes sociais, entre outros meios que, por vezes, utilizam a linguagem coloquial na comunicação com o público alvo. Neste trabalho são expostos exemplos veiculados em uma rede social.

**Palavras-chave:** Castelhana boliviano; Castelhana *camba*; Castelhana *colla*; Fronteira Brasil-Bolívia.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Letras Português/Espanhol da UFMS-Campus do Pantanal. Endereço eletrônico: suzanamancilla@yahoo.es.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços - PPGEF/UFMS. Endereço eletrônico: katty0672@hotmail.com.

---

**Abstract:** *The goal of this paper is to develop bibliographical research on Bolivian Castilian, contrasting the colla and camba varieties present at the Puerto Quijarro (Bolivia) - Corumbá (Brazil) border. This is a linguistic study that begins presenting a brief history of the varieties of Bolivian Castilian regarding their phonetic and morphological aspects – which invisible in schools at the border, although they are present in the speech of Bolivian students who attend the Brazilian schools. Callisaya Apaza (2012), Coello Vila (1996) and Mendoza Quiroga (2015) provide the basis for studies about Bolivian Castilian. Franco and Gottret (2022), Sanabria Fernández (2008) and Roca (2007) contribute studies about Camba Castilian. Camba is found in advertising and in social media, among other places colloquial language is used for communication with the target audience. The examples provided here were posted on social media.*

**Keywords:** *Bolivian Castilian; camba Castilian; colla Castilian; Brazil-Bolivia border.*

## INTRODUÇÃO

A presente investigação aborda as variedades linguísticas do castelhano boliviano<sup>3</sup>, em especial o castelhano *camba*<sup>4</sup> e *colla*<sup>5</sup>. No material didático do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)<sup>6</sup>, dos anos de 2012 a 2017, instrumento pedagógico adotado no estado de Mato Grosso do Sul (MS), verificamos que as variedades do castelhano boliviano estão invisibilizadas. A nossa proposta se justifica visto que a Bolívia é um dos países que fazem fronteira com Corumbá.

A proximidade geográfica entre a Bolívia e o Brasil permite que estudantes bolivianos frequentem as escolas de Corumbá tanto no ensino fundamental, médio e superior, motivo pelo qual os acadêmicos do curso de Letras do Campus do Pantanal (Cpan) da Universidade Federal do Mato Grosso

---

<sup>3</sup> Utilizamos o nominativo castelhano para designar a língua majoritariamente falada na Bolívia, visto ser essa designação utilizada na Constituição daquele país.

<sup>4</sup> *Colla: De modo general se da esta designación al connacional oriundo del altiplano y de la montaña, sea cualquiera su extracción y condición.* (SANABRIA FERNÁNDEZ, 2008, p. 71). Neste caso adjetiva a variedade do castelhano falado no Altiplano e vales bolivianos.

<sup>5</sup> *Camba: Por extensión y con cierto énfasis de gregarismo regional, cualquier habitante de la misma comarca* (SANABRIA FERNANDEZ, 2008, p. 68). Nesse caso, adjetivando a variedade do castelhano do Oriente boliviano.

<sup>6</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa na educação básica pública.

---

do Sul (UFMS) entram em contato com tal realidade escolar multilíngue quando realizam os estágios obrigatórios em sua formação inicial. Portanto, consideramos importante evidenciar o castelhano boliviano e suas variedades, tema que é abordado durante o curso de Letras e com o qual se defrontam os professores na prática docente.

A região fronteiriça à qual nos referimos está demarcada por uma conurbação<sup>7</sup>, composta por quatro municípios: Corumbá e Ladário do lado brasileiro e Puerto Quijarro e Puerto Suárez do lado boliviano. Entretanto, esclarecemos que o estudo está centrado nos municípios de Corumbá e Puerto Quijarro, ambos localizados ao atravessar a linha divisória internacional.

Para identificar o castelhano falado em Puerto Quijarro é necessário conhecer sua formação étnico-cultural, composta por povos da região oriental boliviana, conhecidos como *cambas*, cuja variedade léxica regional “*cruceño/camba*” (SANABRIA FERNÁNDEZ, 2008; ROCA, 2007), compõe as diversas situações de intercomunicação local. Contudo, essa não é a única variedade do castelhano presente na fronteira, devido às migrações internas na Bolívia. Na referida faixa fronteiriça estão presentes outras variedades do castelhano boliviano: o castellano *colla* e em menor proporção o castelhano *chapaco/sureño* procedente do Sul da Bolívia, formando um quadro sociolinguístico complexo (ver Figura 1).

O tema das variedades dialetológicas da Bolívia vem sendo estudado por intelectuais bolivianos interessados em documentar tais formas de linguagem particular de cada região, a exemplo dos linguistas bolivianos Callisaya Apaza (2012), Coello Vila (1996) e Mendoza Quiroga (2015), pesquisadores que, entre outros, fundamentam a presente investigação, com dados pertinentes ao tema, seguindo processos metodológicos qualitativo,

---

<sup>7</sup> Extensa área urbana formada por cidades e vilarejos que foram surgindo e se desenvolvendo um ao lado do outro, formando um conjunto.

---

exploratório e etnográfico. Os materiais que serão apresentados procedem do âmbito publicitário veiculado em uma rede social, em que a variedade *camba* encontra-se presente. A escolha dessa variedade considera sua incidência territorial, visto que a fronteira está localizada na região do Oriente boliviano.

Considerando o contexto em que pautamos nossos estudos, pesquisas apontam para a desvalorização da língua espanhola e seus falantes bolivianos na região fronteiriça em foco: “O distanciamento quanto ao uso do espanhol entre brasileiros que moram em Corumbá está registrado em diversos estudos que apresentam como contexto a região da fronteira do lado brasileiro” (ARF; MANCILLA BARREDA; ZWARG, 2018, p. 89; tradução nossa). Ocorrem atitudes de preconceito e discriminação com os bolivianos nas diferentes esferas sociais corumbaenses, inclusive no âmbito educativo em diversos níveis, as quais apontam a necessidade de dar atenção especial aos estudos das línguas e às práticas fronteiriças.

No curso de Letras, com habilitação em português e espanhol, os estudantes são em sua grande maioria brasileiros procedentes de Corumbá. Mesmo tendo habitado e estudado nesse município fronteiriço, seu nível de proficiência em espanhol é incipiente, demonstrando distanciamento com essa língua. Em pesquisa realizada entre jovens corumbaenses, estudantes do Ensino Médio, Costa (2013) evidencia que estes não se reconhecem fronteiriços, demonstrando a falta de interesse na língua e cultura do país vizinho.

Esta investigação parte do levantamento bibliográfico do castelhano boliviano e suas variedades. Em seguida, lançamos um olhar ao castelhano *camba*, cuja territorialidade está no Oriente boliviano, lugar em que se desenvolve o estudo. Posteriormente apresenta-se um contraste da

---

<sup>8</sup> No original: *El distanciamiento del uso español entre brasileños que viven en Corumbá está registrado en diversos estudios que tienen como contexto la región de la frontera del lado brasileño.*

---

caracterização fonética e morfossintática das variedades estudadas exemplificadas na publicidade.

## 1 AS VARIEDADES DO CASTELHANO BOLIVIANO

Segundo a pesquisa de Callisaya Apaza (2012), no campo da Dialetoлогия as análises das variedades do castelhano boliviano ainda são incipientes, porém dentre esses estudos, o castelhano denominado andino concentra a maior parte das pesquisas. Sua formação e complexidade reside essencialmente no contato permanente com as línguas indígenas:

O estudo do espanhol falado na Bolívia resulta sumamente complexo, já que não é somente utilizado por bilíngues que adquiriram este como segunda língua, mas também por falantes monolíngues que não conhecem nenhuma das línguas indígenas. Esta situação tem dado origem à evolução diferenciada do espanhol, adquirindo características próprias de cada região, diferenciando-se, marcadamente, do castelhano falado na Península e em outros países de América<sup>9</sup>. (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 58-59; tradução nossa)

O autor não alude apenas à influência das línguas indígenas majoritárias da Bolívia: o quéchua e o aimará, cujos falantes são originários das regiões altas e vales, inclui também aquelas disseminadas ao longo das planícies orientais do território nacional.

Entre as tentativas de divisão dialectal do espanhol boliviano, destacam-se os estudos dos linguistas bolivianos Carlos Coello Vila (1996) e José Guillermo Mendoza Quiroga (2015), que abordam a situação territorial boliviana dividida nas seguintes macrorregiões: andina, sub andina (vales), e

---

<sup>9</sup> No original: *El estudio del español hablado en Bolivia resulta sumamente complejo, puesto que no sólo es empleado por bilingües que adquirieron éste como segunda lengua, sino también por hablantes monolingües que no conocen ninguna de las lenguas indígenas. Esta situación ha dado origen a la evolución diferenciada del español, adquiriendo éste características propias de cada región, diferenciándose, marcadamente, del castellano hablado en la Península y en otros países de América.*

planícies, conforme aparecem respectivamente na Figura 1, Zona A, Zona B e Zona C. No aspecto linguístico, segue uma perspectiva de convívio entre as línguas nativas e o castelhano, coabitando esses territórios de maneira natural, revertendo na constituição das variedades linguísticas do castelhano falado na Bolívia. Os estudos dialetais utilizados nesta pesquisa estão centrados em três grandes áreas linguísticas, como exposto na Figura 1.

Figura 1 - Mapa linguístico do castelhano boliviano



Fonte: MENDOZA QUIROGA, 2015, p. 28

Callisaya Apaza (2012) adota na sua pesquisa tal divisão e detalha:

**Zona A:** Região andina centro e sur-ocidental, que compreende os departamentos de La Paz, Oruro, Cochabamba, Potosí e Chuquisaca.

---

Variedade: Castelhana *colla*. Característica: Nesta variedade apresenta-se um marcado bilinguismo castelhana-aimará ou castelhana-quéchuá<sup>10</sup>. (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 100; tradução nossa).

No mapa observamos que a zona Andina engloba também Cochabamba e Chuquisaca, departamentos considerados sub-andinos ou vales, zona de transição entre a região Andina e as Planícies orientais. Os habitantes dos Andes (sub-andes e vales) são conhecidos como *collas*, razão pela qual sua variedade falada por esses habitantes é denominada variedade *colla*.

A seguinte área a ser descrita é a “**Zona B**: Região de planícies do Norte e do Oriente que compreende os departamentos de Pando, Beni e Santa Cruz. Variedade: castelhana *camba*. Característica: Influência das línguas da família tupi-guarani<sup>11</sup>.” (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 100-101; tradução nossa). Essa variedade é de relevante interesse nesta pesquisa, por tratar da região Oriental em que está localizado o município de *Puerto Quijarro* conformando a região de fronteira em estudo.

Por último, o autor descreve a “**Zona C**: Região dos vales do Sul que compreende o departamento de Tarija. Variedade: Castelhana *chapaco*. Característica: Influência do substrato quéchuá e menor do mataco e do guarani<sup>12</sup>.” (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 101-102; tradução nossa). Área de menor destaque nesta pesquisa, visto que o maior fluxo migratório interno na Bolívia ocorre a partir de La Paz, Potosí, Chuquisaca e Beni, em direção a

---

<sup>10</sup> No original: **Zona A**: *Región andina centro y sudoccidental, que comprende los departamentos de La Paz, Oruro, Cochabamba, Potosí y Chuquisaca. Tipo: Castellano colla. Característica: En esta variedad se presenta un marcado bilingüismo castellano-aimara o castellano-quechua.*

<sup>11</sup> No original: **Zona B**: *Región de llanos del Norte y del Oriente que comprende los departamentos de Pando, Beni y Santa Cruz. Tipo: castellano cambia. Característica: Influencia de las lenguas de la familia tupi-guaraní.*

<sup>12</sup> No original: **Zona C**: *Región de los valles del Sur que comprende el departamento de Tarija. Tipo: Castellano chapaco. Característica: Influencia del sustrato quechua y menor del mataco y del guaraní.*

---

Santa Cruz, departamento que recebe estimável número de grupos migratórios procedentes da Zona A.

A migração interna repercute no castelhano boliviano em que as línguas nativas próprias de cada região misturam-se com o castelhano, formando diferentes variedades. Como resultado do movimento migratório interno nesse país, o castelhano *colla*, procedente da região dos andes e vales desenvolveu-se na região oriental – vizinha à fronteira com o Brasil – assim, evidencia-se o castelhano *colla* na região oriental, desenvolvendo traços linguísticos peculiares e formando uma identificação regional na maneira de se expressar.

Cabe destacar, ainda, que os estudos dialetais avançaram apresentando fronteiras mais difusas que as delineadas na Figura 1, situação assim abordada:

Na verdade, a diversidade dialetal do castelhano falado na Bolívia pode ser inclusive maior que a que muitos interessados nesta problemática estão dispostos a imaginar. Esta variação dialetal, produto dos subsistemas linguísticos e dos condicionamentos socioculturais, deve ser sistematicamente estudada para que tenhamos uma ideia adequada do castelhano boliviano. (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 63; tradução nossa)<sup>13</sup>

Os movimentos migratórios internos, aos quais nos referimos neste trabalho, são uma clara amostra dos condicionamentos econômicos e sociais que desenham novas territorialidades humanas e, portanto, linguísticas.

Com a finalidade de conhecer o processo de formação do castelhano *camba*, a seguir abordaremos em uma perspectiva histórica sua formação e territorialidade.

---

<sup>13</sup> No original: *En realidad, la diversidad dialectal del castellano hablado en Bolivia puede ser incluso mayor de la que muchos interesados en esta problemática están dispuestos a imaginarse. Esta variación dialectal, producto de los subsistemas lingüísticos y de los condicionamientos socioculturales, debe ser sistemáticamente estudiada para que tengamos una idea adecuada del castellano boliviano.*

---

## 2 UM OLHAR HISTÓRICO AO CASTELHANO CAMBA

Tratar da cronologia linguística do castelhano *camba* é, com efeito, remeter-se ao processo colonizador ocorrido no oriente boliviano com a consequente fundação do departamento de Santa Cruz no período pós-colonial. Segundo o pesquisador Sanabria Fernández (2008), o antecedente colonizador iniciou-se no século XVI, com as pioneiras expedições espanholas que traziam na bagagem o interesse na aquisição de novas terras, riquezas e na formação de gentio colonizador/colonizado.

Na época da conquista, o capitão espanhol *Ñuflo de Chaves* chegou às terras do Oriente boliviano acompanhado de sua tropa, em 26 de fevereiro de 1561, após tornar cativos indígenas guaranis, oriundos de Assunção-Paraguai, fincou sua espada na planície do rio *Guapay*, às margens de *Grigotá* localidade habitada pelo grupo étnico *Chiquitos*<sup>14</sup>.

No processo de conquista e ocupação desses territórios, o poder administrativo colonial fez uso de intérpretes que, ao se utilizarem do castelhano peninsular e da língua *chiquitana*, com a influência do guarani procedente do Paraguai, estabeleceram uma negociação natural entre as línguas, conforme aponta Sanabria Fernández (2008).

Os estudos de Roca (2007) expõem o transcurso da miscigenação linguística no departamento de Santa Cruz. Para tanto, o autor toma o conceito da *koiné* esclarecendo o processo de mestiçagem nos falares nativos, no caso *cruceño* “(...) teve sua própria fisionomia linguística que não é igual a nenhuma das [variedades] faladas em outras cidades americanas, nem na Espanha” (ROCA, 2007, p. 35; tradução nossa)<sup>15</sup>. A mestiçagem dialetal do castelhano,

---

<sup>14</sup> **Chiquitos** é uma região na parte oriental da Bolívia, no Departamento de Santa Cruz, limítrofe com o Brasil. Os **chiquitanos** ou **chiquitos** compõem um grupo indígena que habita o Oeste dos estados brasileiros de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, resultando em agrupamentos de diferentes povos nativos, com culturas e línguas distintas.

<sup>15</sup> No original: (...) *tuvo su propia fisionomía lingüística que no es igual a ninguna de las que se habla en otras ciudades americanas, ni en España.*

---

portando as influências de origem *vasca*, *arahuaco*, *taíno*, entrelaçaram-se ao chegar ao Oriente boliviano no encontro com as línguas guarani e quéchua, as quais paulatinamente foram acomodando-se no falar *cruceño* “(...) que continua sendo utilizado no começo do século XXI” (ROCA, 2007, p. 36)<sup>16</sup>.

Os estudos de Sanabria Fernández (2008) informam a presença, no século XVII, de crioulos e pardos procedentes da região de *Charcas* – antiga denominação de Sucre, capital da Bolívia – esses grupos étnicos utilizavam o quéchua como língua de comunicação, formando um castelhano influenciado por essa língua.

Com os processos de migração, esse castelhano veio a misturar-se com o falar *cruceño*, sobre o qual, Sanabria Fernández (2008, p. 26) afirma: “Tal é, sem dúvida, a origem dos vocábulos quéchuas existentes no falar *cruceño* como *puquio*, *pascana*, *sullo*, *caracha* e outros”<sup>17</sup>.

O cenário dos nativos *chiriguanos*<sup>18</sup> – nome dado aos guaranis do chaco boliviano – teve o cotidiano alterado com a presença de novos “invasores”: as missões jesuíticas. O século XVIII caracteriza-se pela organização religiosa de bases estratégicas que subjugou a sociedade local e se assentou nas regiões de *Chiquitos* e *Moxos*, ambas localizadas no Oriente do país. Tal mistura permitiu a aquisição de signos guaranis e promoveu a interferência fonética no falar *chiriguano*. Roca (2007) cita a interferência dialetal nos falantes daquele período e a formação de uma língua geral:

O *chiquitano* e outros dialetos dessa região eram falados por mais de trinta mil pessoas. Os Jesuitas transformaram um desses dialetos em língua

---

<sup>16</sup> No original: (...) *que sigue usándose en los comienzos del siglo XXI*.

<sup>17</sup> No original: *Tal es, indudablemente el origen de vocablos quechuas existentes en el habla cruceña como puquio, pascana, sullo, caracha y algunos más*”.

<sup>18</sup> Mais detalhes sobre este grupo étnico podem ser obtidos em: <http://www.etnolingüística.org/lingua:chiriguano>. Acesso em: 18 nov. 2022.

---

geral, como já é sabido, e os que falavam outros idiomas, aprenderam *chiquitano* (ROCA, 2007, p. 49)<sup>19</sup>.

O autor utiliza “dialetos” para designar o falar de diversos grupos étnicos das famílias linguísticas arawak, chapacura, chiquito, otuqui, tupí-guaraní e zamuco, entre outras línguas isoladas na região. Percebe-se que o uso do termo “idioma” na citação, também está referido às outras línguas que coabitavam esses territórios e cujos falantes deveriam aprender *chiquitano*. Essa diversidade linguística foi fundamental na formação do castelhano *cruceño*.

As filólogas bolivianas Franco e Gottret (2022) assinalam que para o desdobramento e formação do socioleto foi necessário o estabelecimento e desenvolvimento, como na maioria dos casos, do devir histórico, econômico, político, artístico, religioso inclusive, da região que atualmente é parte do oriente boliviano. Sanabria Fernández (2008) acrescenta que seria daquele período a origem do vocábulo popular *camba*, como sinônimo de originário ou residente da região Oriental.

Tal hipótese foi abordada nos estudos de Roca (2007) – ainda no marco do século XVIII – demonstrando a caracterização do falar *camba* como resultado da primeira adaptação e acolhimento do castelhano estremenho, andaluz e canário, praticado por uma pequena população de descendentes espanhóis e um número significativo de mestiços. No entanto, o fator mais importante que o autor indica é o protagonismo das mulheres nativas ao conservar sua língua natural, como primeira língua de comunicação com seus filhos e a comunidade, configurando uma situação de permanência até o século XIX.

---

<sup>19</sup> No original: *El chiquitano y otros dialectos de esa zona lo hablaban más de treinta mil personas. Los Jesuitas convirtieron uno de estos dialectos en lengua general, como ya se sabe, y quienes hablan otros idiomas aprendieron el chiquitano*

---

É provável que no século XVII os *cruceños* tivessem feito uma mestiçagem variada e forte no sangue e na língua, posto que a presença do peninsular e seus filhos mestiços, deve ter produzido uma forma de falar própria, já que o castelhano, o guarani e o chiquitano tinham uma presença muito forte entre os habitantes daquele então, sobretudo entre as mulheres nativas que cuidavam dos filhos mestiços que iam nascendo e, por esse motivo, é provável que o primeiro idioma que adquiriam era o materno e, provavelmente depois se tornavam bilíngues. (ROCA, 2007, p. 60)<sup>20</sup>

Essa configuração linguística e social promoveu uma miscigenação na região oriental, tendo em seu tronco linguístico não somente as línguas nativas do oriente, como também o quéchua, com a incorporação do português, formando-se o léxico *cruceño*, que, ao entrar em contato com o castelhano heterogêneo peninsular dos conquistadores, resultou na modalidade linguística falada nas diferentes localidades dessa região.

Sanabria Fernández (2008) detalha a presença do português nesse processo de miscigenação linguística. O autor expõe que em meados do século XIX, a população *cruceña* das localidades dos rios *Madera*, *Purús* e *Acre* (então pertencentes ao território boliviano e próximos ao estado de Mato Grosso/Brasil), incorporou-se à atividade de exploração da borracha, importante recurso econômico tanto para a Bolívia como para o Brasil, fato que permitiu a inclusão de vozes do português como *seringa*, *bolacha*, *estrada*, entre outras, bem como termos referentes à navegação: *cachuela* e *correntesa*, e demais vocábulos que foram incorporados ao falar *cruceño*.

A dimensão linguística, muito além da mera intersecção populacional heterogênea, delinea a identidade de um povo, construindo-a e inclusive projetando-a, de acordo com Franco e Gottret (2022), ou seja, dá-se lugar a uma

---

<sup>20</sup> No original: *Es probable que en el siglo XVII los cruceños hicieran un mestizaje variado y fuerte en la sangre y la lengua, ya que la presencia del peninsular y sus hijos mestizos, debió haber producido una forma de hablar propia ya que el castellano, el guaraní y el chiquitano tenían una presencia muy fuerte entre los pobladores de aquel tiempo, sobre todo en las mujeres nativas que eran quienes cuidaban de los hijos mestizos que iban naciendo y por esa razón es probable que el primer idioma que adquirirían era el materno y probablemente después se convertían en bilingües.* (ROCA, 2007, p. 60).

nova característica de identidade regional de tradição nativa com influências externas.

Portanto, o processo linguístico da região oriental boliviana apresenta, em suas entranhas, o influente papel do colonizador/evangelizador e as interferências sociais, que germinaram na acomodação do castelhano, no papel de língua dominante às nativas, dando lugar a novas variedades em relação àquelas já existentes nas regiões Andina e Sul.

A seguir apresentamos um breve estudo que contrasta as variedades *colla* e *camba*, no que tange aos aspectos fonéticos e morfossintáticos, na perspectiva dos linguístas Coello Vila (1996) e Mendoza Quiroga (2015).

### 3 CONTRASTE DA CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA E MORFOSSINTÁTICA DO CASTELHANO *COLLA* E *CAMBA*

A partir dos estudos de Coello Vila (1996), selecionaram-se algumas características fonéticas e morfossintáticas do castelhano boliviano, para contrastar a variedade *colla* e a variedade *camba* (Zona A e Zona B).

Quadro 1 – Descrição dos aspectos fonéticos do castelhano *colla* e *camba*.

Castellano colla – Zona A	Castellano camba – Zona B
Se observa el mantenimiento del fonema /ʎ/, linguopalatal lateral, que, en extensas zonas de América ha sido sustituido por /y/, linguopalatal central fricativa. Ejemplo: De esta forma se distingue <u>v</u> alla de <u>v</u> aya o <u>h</u> alla de <u>h</u> aya	Se observa el mantenimiento del fonema /ʎ/ linguopalatal lateral, al igual que en la zona A, - con la excepción de la sustitución de este fonema por /y/, linguopalatal central fricativo, por parte de los bilingües que hablan guaraní y chiquitano, debido a que en el sistema fonético de estas lenguas no existe el fonema /ʎ/. Corroboramos esta información con el chiquitano, denominación dada con anterioridad al bésiro, cuyas consonantes son: b, ch, j, k, m, n, ñ, r, s, t, ty, x, xh (TOMICHA, SUPAYABE, CHORÉ, 2014, p. 16)

<p>Marcada pronunciación de /s/, casi sibilante, en posición implosiva o a final de palabra. Ejemplo: los amigos =&gt; lo<sup>f</sup> amigo<sup>f</sup></p>	<p>Leve aspiración del fonema /s/ como /h/, en posición implosiva, en algunos casos hasta llegar a la elisión en final de palabra. Ejemplo: los amigos =&gt; lo<sup>h</sup> amigo<sup>h</sup> Se constata en el lenguaje coloquial de las redes sociales el uso de la j para exponer gráficamente su existencia: lo<sup>j</sup> amigo<sup>j</sup></p>
<p>Realización del fonema vibrante múltiple /ř/ como sonora fricativa linguoalveolar /ž/. (Ver exemplos após o quadro).</p>	<p>Plena realización de la vibrante múltiple /ř/ ante /l/, lo cual produce una /x/ postvelar. (Ver exemplos após o quadro).</p>
<p>Alternancia vocálica entre /i/ - /e/ y /u/ - /o/, que aparece en el discurso fónico de este sociolecto. (Ver exemplos após o quadro).</p>	<p>No ocurre la alternancia vocálica de la Zona A.</p>
<p>Manutención de fonema /d/ fricativo en posición intervocálica, implosiva o a final de palabra, como en: Terminado el partido nos fuimos.</p>	<p>Elisión del fonema /d/ fricativo en posición intervocálica, implosiva o a final de palabra, no sólo en los participios, en función adjetival o adverbial, terminados en -ado, -ido, sino también en otras voces no verbales, como ganao (ganado) o ahijao (ahijado). (Ver mais exemplos após o quadro).</p>

Fonte: Quadro adaptado de Callisaya Apaza (2012, p. 102-103).

Quanto ao relaxamento do fonema /r/ > [r], passa a ser velar fricativo de vibração sonora simples [x], variação oriunda do castelhano peninsular que ao se instalar na zona Oriental (departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando), sofreu leve aspiração. Exemplo: roca > xoca / cuerda > cueda/ árbol > axbol. A pronúncia é de realização diferente à falada na Zona A. Nesta área a articulação do fonema é de carácter vibrante múltiplo /ř/, assumindo articulação fricativa linguoalveolar /ž/ de vibrante forte, ou seja, a língua toca os alvéolos dos dentes (/ř/) produzindo vibração da glote (/ž/) e gera um conjunto de excitações fônicas, para a realização do som vibrante em posição inicial de palavra: rico > žico, intervocálica: perro > pežo e em final de sílaba ou vocábulo, neutraliza-se o fonema [r]: color > colór / largo > largo.

No entanto, na Zona Oriental o desdobramento acontece de maneira

---

particular “No altiplano, o uso de [r̄] é mais frequente que o de [ř], mas entre os *cambas* existe um marcado predomínio de [ř]<sup>21</sup>” caracterização descrita por Callisaya Apaza (2012, p. 90), realizando um vibrante múltiplo /ř/ diante da consoante /l/: *Carlos, perlas “lo cual produce una /x/ postvelar”*.

Outro traço do falar oriental é a tendência à elisão do fonema fricativo /d/ em posição intervocálica em final de palavra (cerrado>cerrao), produzido nos participios terminados em -ado / -ido (*comenzado* > *comenzao*, *atrevido* > *atreviu*) e nos substantivos *mojado* > *mojao*, *cansado* > *cansao*, etc. E o relaxamento da vogal /o/ até “[...] llegar a u, en los participios verbales y otros vocablos con igual desinencia, como comiu, jugau, ganau, cansau” (CALLISAYA APAZA, 2012, p. 81) situação que, também, se processa em outras circunstâncias não verbais, sendo: *ganao*>*ganado*, *ahijao*>*ahijado*, *cuñao*>*cuñado*, e outras variantes manifestas na comunicação informal exclusivas da região oriental.

Na Zona Andina há uma caracterização comum de alternância vocálica entre /i/ - /e/ y /u/ - /o/, que aparece no discurso fônico dos falantes em línguas nativas (L1) ou nos aprendizes do castelhano que acomodam a segunda língua de maneira peculiar, tendendo a realizar trocas do /i/ - /e/ em *maistro*>*maestro*, *tardis* >*tardes* e de /u/ - /o/ em *Ururo* > *Oruro*. Conforme aponta Gordon (1980, p. 350),

Outro tipo de imprecisão vocálica encontra-se em campesinos e cholos<sup>22</sup>, cuja língua materna é o quéchuá e o aimará. Tais idiomas têm somente um fonema vocálico anterior e um posterior, ambos de articulação fechada. Se esses indivíduos não aprendem perfeitamente o castelhano, confundem /e/ com /i/ e /o/ com /u/. Os seguintes casos são exemplos proferidos por um

---

<sup>21</sup> No original: *En el altiplano, el empleo de [r̄] es más frecuente que el de [ř], pero entre los cambas hay marcado predominio de [ř]*.

<sup>22</sup> **Cholo** demarca a identidade nacional boliviana do mestiço de sangue europeia e indígena. **Campesino** refere-se à categoria social criada na Bolívia para nomear e proporcionar direitos cidadãos (como o voto) aos indígenas que habitam e trabalham no campo.

professor rural: [eliksión, twéntis, sentjéndo, ésu].<sup>23</sup> (GORDON, 1980, p. 350)

O falante da primeira língua, frente à inexistência de equivalências vocálicas no idioma nativo, seja quéchuá ou aimará, faz alguns empréstimos devido ao fato de ser bilíngue (castelhano/aimará ou castelhano/quéchuá) ou trilíngue (castelhano/aimará/quéchuá). Portanto, acomoda combinações fonológicas, morfológicas e sintáticas ao léxico castelhano, sendo que o agente influenciador dessas variedades são as línguas nativas, que interferem no falante nativo aprendiz do castelhano, na tentativa de acomodar a língua materna ao contexto comunicativo em castelhano, produzindo uma variante original, conforme aponta Mendoza Quiroga (2015, p. 27): “Na zona andina a influência do quéchuá e do aimará vai além do léxico”<sup>24</sup>.

Para a descrição dos **aspectos morfossintáticos**, selecionamos os aumentativos e diminutivos, bem como o *voseo*, ambos apresentados nos estudos do linguista boliviano Coello Vila, em *Manual de dialectología hispánica: el español de América* (1996), expostos no Quadro 2 e detalhados a seguir.

Quadro 2 – Descrição **aspectos morfossintáticos** do castelhano *colla* e *camba*

Castellano <i>colla</i> – Zona A	Castellano <i>camba</i> – Zona B
Uso frecuente y extendido del diminutivo que se aplica no solo a las formas variables, sino también a las formas invariables como el adverbio, como en “ahorita”.	Formación de diminutivos con las partículas <i>-ingo, inga</i> , sufijos extraños a la morfología castellana, como en <i>fiestinga</i> . Formación de aumentativos con las partículas <i>-ango, -a, -ongo, -a</i> , como en <i>casanga</i> .

<sup>23</sup> No original: *Otro tipo de imprecisión vocálica se encuentra en algunos campesinos y cholos cuya lengua materna es el quechua o el aymara. Dichos idiomas tienen solamente un fonema vocálico anterior y uno posterior, ambos de articulación cerrada. Si estos individuos aprenden imperfectamente el castellano, confunden /e/ con /i/ y /o/ con /u/. Sirvan de ejemplo los casos siguientes, de boca de un maestro rural: [eliksión, twéntis, sentjéndo, ésu].*

<sup>24</sup> No original: *En la zona andina la influencia del quechua y del aimara va más allá del léxico.*

Predominancia del uso de <b>tú</b> para la segunda persona singular.	En esta variedad, la segunda persona singular es <b>vos</b> , incluso en el habla culta. <i>Ti</i> y <i>contigo</i> están totalmente descartados. Cambios en la acentuación, sobre todo en algunos estratos del paradigma verbal, como en <i>caminás</i> .
--	--

Fonte: Quadro adaptado de Callisaya Apaza (2012, p. 104-105).

Na primeira linha apreciamos a realização dos diminutivos na morfossintaxe das Zonas A (*colla*) e B (*camba*). Cada zona aplica os sufixos diminutivos segundo a norma castelhana na escrita e na oralidade. No caso do falar *colla*, o uso dos sufixos *-ito/-ita*, se configura na forma invariável (advérbio, preposição e conjunção), articulando-se do mesmo modo no advérbio de tempo na frase: *Espérame que **ahorita** vuelvo* (ahora> ahorita) e na forma variável no verbo, adjetivo, nome, determinante e pronome. Exemplo: ***Ivancito**, pásame aquel **zapatito negro***. (nome – nome e adjetivo)

Sanabria Fernández (2008, p. 39) aponta que no castelhano *camba* “[...] merece atenção o curioso caso dos diminutivos em *ingo, inga*, tão alheios ao castelhano peninsular e inclusive ao castelhano hispanoamericano<sup>25</sup>.” O autor exemplifica seu uso nos substantivos: *tierringa* e *caminingo*. Esses diminutivos estendem-se a adjetivos como *boninga, feingo, altinga*, referidos a *bonita, feo* e *alta*, respectivamente, e inclusive aos advérbios, como *auringa*, referido a *ahora*.”

Ademais, anexam-se outros usos, como por exemplo: *¡Qué cambinga!* (Expressão conotativa referida a um homem/mulher originário(a) de Santa Cruz), un *ratingo* (só um momento), *cuidado se caiga, está en la orillinga el vaso* (indica cuidado), *Deseo un locringo* (gastronomia típica do Oriente boliviano). O uso da dessinência *ingo* junto aos diminutivos conforma bidiminutivos como *chiquitingo* e *poquitingo* procedentes de *chiquito* y *poquito*, respectivamente.

<sup>25</sup> No original: [...] *merece atención el curioso caso de los diminutivos en ingo, inga, tan ajenos al castellano peninsular y aun al hispanoamericano*

---

Do mesmo modo, a variedade *camba* forma sufixos aumentativos em -*ango(a)/ongo(a)*, a exemplo: *bailongo>bailón*, *mananga>manaza*, *almuerzango>almuerzón*. Tais sufixos têm valor depreciativo na gramática castelhana (RAE, 2010 p. 171), mas se encontram muito presentes no falar regional *cruceño* com o valor de aumentativo.

Por último, na Zona Oriental o falante transpõe o acento dos verbos regulares no presente do indicativo da segunda pessoa: “amás no lugar de *amas*; comés no lugar de *comes*; partís no lugar de *partes*<sup>26</sup>.” (SANABRIA FERNÁNDEZ, 2008, p. 35). O mesmo autor registra outra transposição, quando os pronomes **me** e **se** estão como enclíticos. Tal é o caso de “*vendamé, esperemé, bajensé*”, são alguns exemplos, dentre outros. Este fenômeno refere-se ao **voseo**, cuja origem e uso será detalhado a seguir.

Segundo o Dicionário da Real Academia Española (DRAE), *vosear* refere-se ao tratamento dado a alguém de *vos*, pronome que se utiliza na atualidade para tratar a segunda pessoa do singular no registro informal da mesma forma que o *tú* (tutear). Sua origem é assim exposta por Castedo (2014):

Para termos uma visão acerca das variações do pronome de tratamento na América espanhola é necessário entender que o voseo, antes definido como o uso do pronome ou as formas verbais da segunda pessoa do plural com valor de singular que ainda perdura na América, após a colonização da América espanhola, transformou-se em um pronome que passou a ter o valor do *tú* na península. Segundo Lapesa (1986), a segunda pessoa do singular era o tratamento que se dava aos inferiores ou entre iguais quando havia máxima intimidade. (CASTEDO, 2014, p. 634)

No castelhano boliviano constata-se a coexistência do *tú* e do *vos* com diferentes usos, conforme a zona dialetal em que se realize. Mendoza Quiroga

---

<sup>26</sup> No original: *amás en vez de amas; comés en vez de comes; partís en vez de partes*.

---

(2015) detalha que na zona andina o *voseo* pronominal está em alterância com o uso do *tú*; quanto ao *voseo* verbal, este se dá apenas no imperativo. Com relação à região oriental, o mesmo autor pontua que o *voseo* é predominante. Os estudos de Castedo (2014) coadunam com Mendoza Quiroga (2015), colocando em evidência o uso e manutenção do *vos* quando em contato com o *tú* na fala *cruceña*.

O *vos* é uma marca da fala *cruceña* e não há indícios do seu desaparecimento, muito pelo contrário, os tuteantes que não pertencem à nação linguística do *cruceño*, ao chegar nesta comunidade, passam a usar o *vos*, independentemente do lugar onde o aprendem, se na escola ou na rua. (CASTEDO, 2014, p. 644)

Este fato mencionado pela autora foi corroborado em observação realizada em Puerto Quijarro, pois, durante coleta de dados para outros estudos, reconhecemos o *voseo* entre jovens de origem *colla*, indício que demandará novas pesquisas na área.

A seguir, serão apresentados alguns exemplos das descrições anteriormente mencionadas, tendo em vista a variedade *camba* na publicidade.

#### 4 A VARIEDADE CAMBA EM EXEMPLOS PUBLICITÁRIOS

A identidade linguística numa sociedade, a priori, registra-se na comunicação com o Outro e é a partir desse diálogo que se identifica a que socioleto pertence. No caso do falar *camba*, ao longo do tempo foi ganhando uma identidade marcada, adquirindo popularidade e prestígio sociocultural nos anos de 1980.

Os estudos de Franco e Gottret (2022) registram que o falar *camba* teve dois eventos que o colocaram em evidência no âmbito regional, na década citada: o primeiro refere-se à figura pública do engenheiro *cruceño* Percy

---

Fernández, quem ao longo de sua trajetória política, utilizava o falar *camba* de maneira natural nos seus discursos políticos. O segundo evento foi o programa televisivo *Jenecherú*, transmitido pelo Canal 7, com reportagens dos povos nativos do Oriente *cruceño* apresentado por Rubén Poma, antropólogo e historiador, que popularizou o falar *camba* em seus documentários.

Nesse contexto de identidade e papel configurador, Franco e Gotrett (2022) compartilham o mesmo viés analítico de Roca (2007), retomando a questão formativa de “identidade emergida” no núcleo familiar, que se acomodou na comunicação social até atingir o universo midiático e impulsionou energicamente as características do falar *camba*. As autoras afirmam que a língua delinea a identidade de um povo, portanto é um ato de identidade.

Seguindo essa perspectiva, a variedade *camba* foi se introduzindo no cotidiano de forma natural, alcançando destaque na maneira de falar da população do Oriente, a exemplo do uso do *voseo*, como será possível visualizar posteriormente em alguns exemplos. Para tanto, foram coletadas postagens publicitárias divulgadas em redes sociais, com a finalidade de exemplificar a variedade *camba*.

A Figura 3 expõe um exemplo do *voseo* em uso no calendário municipal de San José de Chiquitos, durante o Festival Gastronômico POSOKA Gourmet. O anúncio apresenta o verbo *vivir* conjugado para a segunda pessoa singular (vos) no modo imperativo: *Viví la experiencia*.

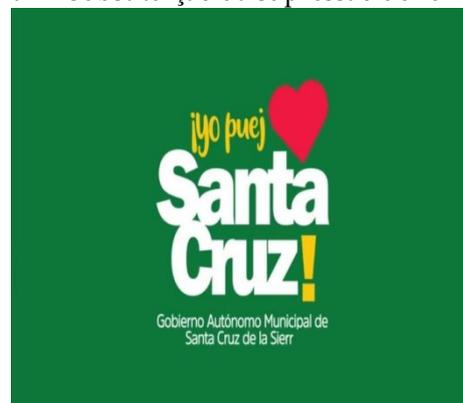
Figura 3 - Uso do verbo vivir conjugado para a segunda pessoa singular (vos) no modo imperativo.



Fonte: Festival Posoka Gourmet, 2021. Facebook. 12 de nov. 2021.

Na segunda postagem, a arte visual da *Secretaría Municipal de Cultura y Turismo de Santa Cruz de la Sierra* combina texto e oralidade na aspiração da consoante /s/ > [h] ao final da palavra, segundo a transcrição fonética de substituição da aspiração /s/ por [j]>puej. Atrelado ao sentimento regional em “Yo amo puej Santa Cruz”. O design repercute a identidade de *cruceñidad*, ao mesmo tempo que apresenta as cores da sua bandeira verde/branco, entrelaçadas às cores da bandeira nacional boliviana: vermelho, amarelo e verde.

Figura 4 - Substituição da supressão do fonema /s/ > [h] > [j]



Fonte: Secretaría Municipal de Cultura y Turismo de Santa Cruz, 2021.  
Facebook/History 12 de nov. 2021.

A Figura 5 mostra um teor textual de sentido apreciativo no uso do sufixo aumentativo *-anga*, comunicando-se com o usuário virtual de maneira coloquial, mostrando por meio da frase: *¡Ofertanga Turística!* a interação sociocultural, na comunicação imagética dos símbolos turísticos tradicionais da identidade *cruceña*.

Figura 5 - Uso do sufixo aumentativo – *anga*



Fonte: Secretaría Municipal de Cultura y Turismo de Santa Cruz, 2021. Facebook. 12 de nov. 2021.

Por último, o anúncio publicitário de um dos pratos característicos/tradicionais da culinária *cruceña*: o *Locro*<sup>27</sup>, postado no *History* indica o uso do sufixo diminutivo *-ingo* para assinalar a intenção da interação social cotidiana, aproximando o texto da linguagem oral. Por isso, *Locringo* na sintaxe pode indicar preferência, tradição e *cruceñidad*.

<sup>27</sup> O *locro camba* é uma sopa feita com arroz, temperos, mandioca e frango.

Figura 6 - Uso do sufixo diminutivo *-ingo*



Fonte: *Ignácio Tomicha Chuve, 2021. Facebook/History. 12 de nov. 2021.*

Os avanços tecnológicos facilitaram a disseminação da produção publicitária em tempo real e acesso imediato. As redes sociais possibilitam as diferentes formas de linguagens em variadas línguas, assim como apreciamos nos exemplos expostos em castelhano *camba* e sua idiosincrasia no falar oriental boliviano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado tendo em conta a região de fronteira entre a Bolívia e o Brasil e as variedades do castelhano boliviano invisibilizadas nos diferentes âmbitos, em especial no educativo, no que tange ao ensino de espanhol como segunda língua, língua adicional ou língua estrangeira (E/LE) no município de Corumbá (MS), onde se encontra o Curso de Letras do Campus do Pantanal da UFMS.

Conforme o objetivo proposto, foi apresentado um panorama do castelhano boliviano e as línguas nativas que compõem suas variedades, entre

---

elas a *colla* e a *camba*, as quais foram contrastadas para demonstrar suas características. A atenção ao castelhano *camba* está centrada no entendimento de que essa variedade é procedente e predominante no Oriente boliviano.

Mediante pesquisa realizada nas redes sociais, tal como o *Facebook*, foi possível constatar que a variedade *camba* está presente no meio publicitário, escrita nos anúncios gráficos e textuais publicados virtualmente, tais como *outdoors*, e na sua forma oral, nos canais de televisão e rádio.

Consideramos ter alcançado o objetivo proposto com a descrição do panorama do castelhano boliviano e a variedade *cruceño/camba*, nas diferentes etapas históricas, etimológicas e fonético-morfológicas, estudos que evidenciam o processo de identidade regional e que neste trabalho põem em evidência o falar de um país que tem uma visibilidade restrita no campo dos estudos linguísticos do castelhano no Brasil.

A investigação bibliográfica, descritiva e explicativa, buscou abordar os estudos relacionados ao tema proposto, a fim de se alcançar os objetivos em questão. Contudo, como o tema é bastante complexo, afirmamos que ainda há muito a ser estudado.

Nesse trabalho temos abordado a necessidade de maiores pesquisas quanto à presença da variedade *camba* entre os jovens na fronteira Bolívia-Brasil. Este indício requer investigações que possam abordar o prestígio que determinadas variedades têm quando se trata de uma opção. É importante esta reflexão não apenas para constatar o uso de uma variedade, mas também para conhecer situações de autoidentificação, de visibilidades e invisibilidades, de inclusão ou de exclusão social que leva os coletivos a se reconhecerem como sendo pertencentes (ou não) a uma comunidade linguística determinada ou miscigenada.

Ao optar por uma rede social como veículo da variedade *camba* neste estudo, colocamos em evidência que tal variedade alcança diversos ambientes

---

deixando de estar centralizada no Oriente boliviano, sua abrangência é potencializada dada a relevância desse meio de comunicação entre diferentes estratos sociais e etários na sociedade como um todo.

No que tange à motivação que justifica a pesquisa, reconhecemos que é tarefa impossível incluir todas as variedades do espanhol nos materiais didáticos que chegam ao âmbito educativo. Por esse motivo, os docentes de espanhol que estão em contato direto com comunidades hispanofalantes, por meio das diferentes fronteiras – geográficas, culturais sociais, entre outras – precisam atravessá-las para ampliar seu repertório linguístico-cultural e, assim, incluir nas suas aulas de espanhol esses conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ARF, Lucilene Machado Garcia; MANCILLA BARREDA, Suzana Vinicia; ZWARG, Joanna Durand. *La lengua española en Brasil enseñanza y formación de profesores y resistencia*. In: MIRANDA, Cícero (org.). *La lengua española en Brasil: enseñanza, formación de profesores y resistencia*. Colección Complementos. Brasilia: Consejería de Educación en Brasil Embajada de España, 2018, p. 85-97.

CALLISAYA APAZA, Gregorio. *El español de Bolivia. Contribución a la dialectología y a la lexicografía hispanoamericanas*. 2012. 439 f. Tese (Doctorado en Lingüística) Facultad de Traducción y Documentación. Departamento de Traducción e interpretación. Universidad de Salamanca, España.

CASTEDO, Tatiana Maranhão. Um estudo sociolinguístico sobre o pronome vos em Santa Cruz de la Sierra. In: *XVII Congreso internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (Alfal 2014)*. João Pessoa: ADALTECH, 2014, p. 4633-4562. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0290-2.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

COELLO VILA, Carlos. Bolivia. In: ALVAR, M. (ed.). *Manual de dialectología hispánica. El español de América*. Barcelona: Ariel, 1996, p. 169-183.

COSTA, Edgar Aparecido da. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. *Revista transporte e território*, v. 9, p. 71-93, 2013.

---

Coleta de imagem. *History*. Ignácio Tomicha Chuve. Disponível em: Facebook Screenshot\_202110923-144909\_facebook.jpg. Acesso em: 12 set. 2021.

Festival *Posoka Gourmet*. Disponible en: *Facebook*  
<https://web.facebook.com/FestivalPosokaGourmet>. Acesso em: 11 set. 2021.

FRANCO, María Pía; GOTTRET, Ana María. *El castellano de acá. Carrera de idiomas, Santa Cruz de la Sierra-Bolivia*, 01 de abr. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/100009445317798/videos/491101449163298>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GORDON, Alan. Notas sobre la fonética del castellano en Bolivia. En: *Actas del VI Congreso Internacional de Hispanistas*. 1980, p. 349-352. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1318452>. Acesso em: 01 out. 2021.

MENDOZA QUIROGA, José Guillermo. *El castellano de Bolivia*. 2015. Disponível em:  
<https://www.google.com/search?q=el+castellano+de+bolivia+de+jose+g+mendoza&oq=el+castellano&aqs=chrome.69i59l2j69i57j0i512l2j69i60l3.6824j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MIGRACIÓN INTERNA EN BOLIVIA. *Migración entre departamentos*. La Paz: Ed. Sprin, 2018. Disponível em: [https://www.udape.gob.bo/portales\\_html/docsociales/MIGRA.pdf](https://www.udape.gob.bo/portales_html/docsociales/MIGRA.pdf). Acesso em: 02 nov. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2010.

ROCA, Luis Alberto. *Breve historia del habla cruceña y su mestizaje*. Santa Cruz de la Sierra: El País, 2007.

SANABRIA FERNÁNDEZ, Hernando. *El habla popular de Santa Cruz de la Sierra*. Santa Cruz de la Sierra: Editorial Hoguera, 2008.

*Secretaria Municipal de Cultura y Turismo de Santa Cruz, 2021. Ofertanga Turística*. *Facebook/History*. Disponível em: <https://web.facebook.com/photo/?fbid=266619155466539&set=a.266462255482229>. Acesso em: 20 set. 2021.

---

TOMICHÁ, Juana Pocoena; SUPAYABE, Anacleto Parapaino; CHORÉ, Pedro Pablo Soqueré. *Cartilla de aprendizaje del bésiro como segunda lengua*. Cochabamba: FUNPROEIB Andes, 2014.

Yo puej amo Santa Cruz. *Facebook*. Disponível em: [https://web.facebook.com/111693347246043/posts/387156213033087/?sfnsn=wiwspmo&\\_rd c=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/111693347246043/posts/387156213033087/?sfnsn=wiwspmo&_rd c=1&_rdr). Acesso em: 16 set. 2021.

**Nota do editor:**

Artigo submetido para avaliação em: 1 de janeiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de maio de 2022.